

A pandemia do SARS-CoV-2 na sociedade contemporânea e as influências das crenças e práticas espirituais

The SARS-CoV-2 pandemic in contemporary society and the influences of spiritual beliefs and practices

Dra. Carolina Teles Lemos¹

Marise Eterna Nunes²

Resumo

A pandemia de COVID-19 pode não ser a última. A sociedade contemporânea, com suas tendências pós-modernas ou tardias, possui potencial para acelerar processos adversos. Cada um deles deveria ser uma oportunidade para reflexão acerca da impermanência, limitações e precariedades dos seres humanos. Este é um período que pode despertar na humanidade uma nova forma de estar e ser no mundo. Refletindo sobre a modernidade tardia, com base nos estudos de Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens e outros autores contemporâneos, pretende-se compreender os aspectos entrelaçados entre o momento pandêmico atual, as tendências pós-modernas ou tardias e as influências das crenças e práticas espirituais. Ainda não se tem resposta se haverá seres humanos prontos para mudanças estruturais importantes, que podem salvar ou desacelerar a destruição da nossa espécie e do planeta, no momento pós-pandemia.

Palavras-chave: pandemia; modernidade tardia; neoliberalismo; práticas espirituais.

Abstract

The COVID-19 pandemic may not be the last. Contemporary society, with its postmodern or late tendencies, has the potential to accelerate adverse processes. Each of them should be an opportunity for reflection on the impermanence, limitations and precariousness of human beings. This is a period that can awaken

¹ Doutora em Ciências Sociais e da Religião (1998) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestra em Ciências da Religião (1994) pela UMEP. Graduação em Pedagogia (1989) e Psicologia (2017). Atualmente é professora titular no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Email: cetelemos@uol.com.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0095-363X>

² Doutoranda em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, Brasil. E-mail marise.e.nunes@hotmail.com

in humanity a new way of being and being in the world. Reflecting on late modernity, based on the studies of Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens and other contemporary authors, it is intended to understand the intertwined aspects between the current pandemic moment, postmodern or late tendencies and the influences of spiritual beliefs and practices. There is still no answer as to whether there will be human beings ready for major structural changes, which can save or slow down the destruction of our species and the planet in the post-pandemic moment.

Keywords: pandemic; late modernity; neoliberalism; spiritual practices.

Introdução

A pandemia de SARS-CoV-2, vírus causador da COVID-19, vem desencadeando muitos efeitos, entre os quais, a percepção de que a saúde é um bem público e que a saúde do indivíduo depende da coletiva e vice-versa. Fica cada vez mais claro que o corpo físico individual depende do equilíbrio e da saúde do tecido social e que, para que este seja preservado, recuperado e cuidado são necessárias medidas públicas efetivas e bem coordenadas. No entanto, a reemergência de um obscurantismo religioso que se pensava já ter sido extinto, com o desenvolvimento da modernidade, dentro de uma situação extraordinária de uma pandemia leva à reflexão sobre o que apontou Bühr (2020,p.27),“o fracasso prático das políticas neoliberais de saúde não devem(sic) apenas dar-nos a oportunidade de denunciar a falência dos seus fundamentos ideológicos”, mas também de denunciar as práticas governamentais passadas e presentes que contribuíram para as adversidades que estamos vivendo.

As ameaças globais costumam ser uma oportunidade de repensar a forma como temos habitado o planeta. O fato do ser humano ser obrigado a mudar de hábitos o retira do automatismo diário e provoca algum tipo de reflexão ou novo comportamento. Porém, como afirmou Santos (2020), as crises graves e agudas mobilizam forças para que se resolvam ou amenizem os efeitos da crise, mas nem sempre atingem e combatem as causas. O vírus SARS-CoV-2 representa uma das tantas ameaças que nos afetam na atualidade, com muitas outras paralelamente acontecendo e demandando uma coordenação global eficiente. Bauman (2017) já

advertia que “O futuro (outro a aposta segura para o investimento de esperanças) tem cada vez mais sabor de perigos indescritíveis (e recônditos!)”.

Em seu conceito de “modernidade líquida”, Bauman (2001, p. 9) destacou que o bem-estar de um lugar, qualquer que seja este, nunca é inocente em relação à miséria do outro. Ao longo dos anos, o comportamento dos seres humanos vem mudando, influenciado pelo modelo capitalista/consumista, que determina que a felicidade depende do consumo, e causando impactos no meio ambiente. Novas condutas têm feito parte do comportamento humano, de tal sorte que a identidade e a postura humana trazem em si uma contradição definida por Hall (2006) como sujeito fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades. Além das várias identidades, a relação dos indivíduos na modernidade tardia se dá, de acordo com o que explicou Giddens (1991, p. 126), “na confiança em sistemas abstratos que é a condição do distanciamento tempo-espaço e das grandes áreas de segurança na vida cotidiana que as instituições modernas oferecem”. Uma das características discutidas por Giddens (1991) é que as rotinas que se integram aos sistemas abstratos são centrais à segurança ontológica, enquanto o oposto desta segurança seria a ansiedade existencial.

A crise planetária desencadeada pelo vírus SARS-CoV-2 tem desestruturado o que Giddens (1991) denominou segurança ontológica, causando o que Berger e Luckmann (2012, p. 76) postularam como crise de sentido, amenizada com a sustentação de hábitos conservadores ou através da manutenção de “um certo estoque básico de instituições intermediárias”, que atuam orientando e sustentando a conduta dos indivíduos e a coesão das comunidades.

São intermediárias porque fazem a ponte entre o indivíduo e os padrões de experiências e ação estabelecidos na sociedade. Com a ajuda destas instituições a própria pessoa colabora na produção e processamento do acervo social de sentido. A reserva existente de sentido não é experimentada como imposta e prescrita autoritariamente, mas como oferta que foi formada pelo conjunto dos membros individuais da sociedade e que é passível de mudança (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 72).

As instituições intermediárias atuam na comunidade como um verdadeiro sistema imunológico, suprimindo o vírus do pluralismo moderno. Diante das rápidas mudanças que ocorrem na sociedade pós-moderna, os indivíduos que não conseguem acompanhá-las buscam hábitos conservadores, mestres e mitos na tentativa de se sentir mais seguros.

Nesse contexto, o presente artigo teve como objetivo responder às seguintes questões: 1. A crise ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2 será favorável ao despertar ou ao aprofundamento da vida espiritual?; 2. A espiritualidade pode ser uma inspiração para a esperança de superação e autotranscendência?; 3. A espiritualidade/religiosidade em tempos de crise na sociedade contemporânea pode ser experienciada retornando-se a atitudes iluministas ou a uma fé cega e negacionista?

1. Modernidade tardia e contexto pandêmico

A sociedade contemporânea caracteriza-se por um movimento dinâmico. Assim sendo, a identidade sociológica descrita por Hall (2006, p. 12) como algo que “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” deixa de ser estável, tornando-se ampla e flexível. “O sujeito, previamente vivido como tendo identidade unificada e estável” passa a ter várias identidades, que podem ser até contraditórias (HALL, 2006, p. 12). Essas identidades, que compõem a paisagem da modernidade tardia, são definidas historicamente e não biologicamente.

Giddens (2003) analisou a autoidentidade e como a contemporaneidade afeta os aspectos mais íntimos da vida pessoal do indivíduo. Identificou a sociedade contemporânea utilizando as terminologias modernidade alta, tardia ou reflexiva, indicando uma ordem pós-tradicional que não rompe com a modernidade, mas intensifica e/ou radicaliza os elementos substanciais que a caracterizam. Ao romper com a tradição, as potencialidades individuais são enfatizadas, tornando a identidade mais móvel e mutável e possibilitando ao indivíduo ter mais escolhas. Ao mesmo tempo que o indivíduo se torna mais

autônomo, surgem sensações de insegurança diante de tanta abertura. Várias são as correntes de argumentos e contra-argumentos científicos em uma sociedade complexa e instável, dando a possibilidade ao indivíduo de realizar uma síntese e reflexão pessoal dos fatos.

Giddens (1991, 2003) salientou que na modernidade tardia, a vida cotidiana pode ser permeada de inquietudes e ansiedades diante das constantes e amplas mudanças advindas do processo de modernização. Há um misto de crises e possibilidades de novas ações e reinvenções de costumes e hábitos tradicionais.

Um aspecto importante na sociedade moderna tardia refere-se à ordem de valores e de sentido para se compreender o aspecto moral. Berger e Luckmann (2012) ponderaram que há uma série de dificuldades em analisar as ordens de valor e sentido nas sociedades modernas, já que não há uma única ordem para todos. Supõe-se que, além do sistema jurídico de normas, haja elementos de uma moral geral que necessita de uma pesquisa cuidadosa para analisar um certo número de morais que se apresentam. Berger e Luckmann (2012, p.89) esclareceram que “Mesmo aqueles que agem ‘imoralmente’ vão pautar-se pela moral em vigor, procurando esconder ou desculpar suas infrações às normas (a hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude)”.

Para que a crise de produção, comunicação e recepção de sentido na sociedade moderna tardia seja compreendida e explorada, devem ser levados em consideração

[...] três níveis: o da comunicação de massa; a comunicação cotidiana nas comunidades de vida e convicção; a comunicação das instituições intermediárias que agem com essa finalidade de intermediação entre as grandes instituições, as diversas comunidades e o indivíduo (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 90).

Para Berger e Luckmann (2012), os estudos evidenciam que há diferença entre o que as igrejas, o Estado e as instituições empresariais oferecem moralmente ao indivíduo via meios de comunicação de massa e as atitudes de

valor do próprio indivíduo. As famílias têm seu critério de seleção das informações, que são absorvidas, rejeitadas ou adaptadas conforme as circunstâncias. Um aspecto importante realçado pelos autores se refere às instituições intermediárias (igrejas, grupos locais, partidos que realmente fazem a mediação entre a comunidade e as grandes instituições de poder), que devem contribuir para que “os padrões subjetivos de experiência e de ação dos indivíduos participem da discussão e estabelecimento de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 92), assim evitando a sensação de ameaça e destruição da identidade das pessoas individuais e da coesão intersubjetiva das sociedades diante das crises da modernidade.

De acordo com o contexto de modernidade tardia, a construção de “verdades” e preceitos acontece em um espaço temporal e territorial diversificado e flexível. Até a Segunda Guerra, a sensação de segurança e estabilidade parecia mais sólida. A partir do final desse período, houve o reconhecimento da instabilidade acarretada pelos acelerados processos de mudança, que podem ocorrer independentemente dos pontos de vista políticos e ideológicos. Bauman (2001, p. 33) resumiu as características desse novo tempo, chamado por ele de pós-moderno ou líquido:

A modernidade clássica parece ‘pesada’ (contra a ‘leve’ modernidade contemporânea); melhor ainda, ‘sólida’ (e não ‘fluida’, ‘líquida’ ou ‘liquefeita’); condensada (contra difusa ou ‘capilar’); e, finalmente, ‘sistêmica’ (por oposição a ‘em forma de rede’) (aspas do autor).

Em tempos de pandemia, em uma sociedade com as características descritas acima por autores que estudaram a pós-modernidade ou a modernidade tardia, a insegurança e a instabilidade inerentes à sociedade contemporânea podem tornar-se mais conscientes. Esse pensamento é compartilhado pelo filósofo sul-coreano Byun-Chul Han, que asseverou que o cansaço notado durante o isolamento social já existia, porém foi percebido de forma mais intensa durante a pandemia de COVID-19 (RETAMAL, 2021). Uma

das normas das sociedades neoliberais é a autoexigência, que traz sensação de liberdade e, conseqüentemente, de cansaço pelo seu excesso. De acordo com Han,

O que caracteriza o sujeito desta sociedade, que ao se ver forçado a (sic) render explora a si mesmo, é a sensação de liberdade. Explorar a si mesmo é mais eficaz do que ser explorado por outros, porque traz a sensação de liberdade (RETAMAL, 2021).

Com o excesso de comunicação on-line, esse cansaço se acentua ainda mais, porquanto

A comunicação digital nos extenua muitíssimo. É uma comunicação sem ressonância, uma comunicação que não nos traz felicidade. Em uma videoconferência, por motivos puramente técnicos, não podemos olhar nos olhos um do outro. Fixamos o olhar na tela. Para nós, é esgotador que falte a visão do outro (RETAMAL, 2021).

O filósofo também argumentou que durante esse período, as pessoas deixaram de realizar os poucos rituais ainda presentes na sociedade, tais como ir ao jogo de futebol, a restaurantes, ao teatro e ao cinema. Tem havido uma erosão da comunidade. Han reiterou que a repetição do ritual pode gerar alívio em tempos de consumo e dinâmica de renovação permanente. Os rituais permitem a possibilidade de estar presente, comunicando e dando significado às experiências. O funeral, um dos rituais significativos para o momento da perda de um ente querido e importantíssimo para a elaboração do luto, em determinados momentos da pandemia foi reduzido e em outros, até mesmo extinto.

A realidade acima analisada não é nova. Ela faz parte da história, como já apontado, e apenas foi atualizada no contexto da pandemia de COVID-19.

2. Efeitos do não reconhecimento das diferenças

No Brasil, as diferenças não foram ressignificadas desde a escravidão, pois são mantidas políticas que alimentam o extermínio de pobres, negros, a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outros grupos e variações de sexualidade e gênero (LGBTQIA+), além de outros

grupos identitários que representam os excluídos. A pandemia de COVID-19 trouxe à tona as desigualdades e a exploração presente no sistema capitalista/neoliberal, refletida nos altos índices de mortes da população negra e de categorias de trabalhadores de baixa renda (ACAYABA; REIS, 2020; MARTINS-FILHO, ARAÚJO, SPOSATO, et al., 2021; ÓBITOS..., 2021; SANTIAGO, 2021).

Dados da Organisation for Economic Co-operation and Development mostraram que as principais vítimas de COVID-19 no mundo foram os idosos, as minorias étnicas e as mais pobres. Já em nosso país, o risco de mortalidade por COVID-19 foi 1,5 vezes maior na população negra que na população branca (NEUMAM, 2021). Ainda no Brasil, houve maior número de internações e óbitos por COVID-19 entre faxineiros e auxiliares de limpeza (62%), seguidos por aposentados (30%), empregados domésticos (6,5%), diaristas e cozinheiros (6,5%), técnicos e profissionais de saúde de nível médio (0,3%), vendedores (0,3%), caminhoneiros (0,3%), entregadores de mercadorias (0,3%), auxiliares de produção (0,3%) e outros (0,3%) (BATISTA; PROENÇA; SILVA, 2021).

Pieper, Miguel e Mendes (2020, p. 11) opinaram que

Com o vírus, a necropolítica encontra um álibi para matar ainda mais intensamente. As mãos não ficam sujas. Terceiriza-se a morte para um “ser” invisível que está em todo lugar. Com isso terceiriza-se também a responsabilidade. É o vírus. É um fato biológico. [...] a sua taxa de mortalidade é maior entre aqueles considerados “excesso”, nos “não-lugares”, entre aqueles que não podem ou não têm uma casa para ficar (aspas dos autores).

As diferenças precisam ser reconhecidas para que, assim, possam ser estabelecidos direitos iguais.

3. O negacionismo e as práticas espirituais durante a pandemia de COVID-19

Ocorreram diversas pandemias ao longo da história da humanidade, sendo uma delas a da Peste Negra, entre 1347-1722. Foi considerada uma das mais mortíferas e espalhou o medo na Idade Média e no Início da Idade Moderna.

Foram dizimadas milhões de vidas em todo o mundo. Naquele período, tanto os fatores sanitários precários na época, como a interligação das pessoas através do transporte marítimo favoreceram a propagação da doença (CARNEIRO-CARVALHO; RODRIGUES, 2022). Ademais, a influência religiosa cristã negacionista estava presente, incutindo nas pessoas o medo por meio da afirmação de que a peste representava um castigo divino decorrente dos pecados cometidos pelos homens na terra.

Graves consequências sociais advieram dessas ações da igreja católica. Além do excesso de práticas religiosas, incluindo flagelos, de forma irracional e descabida incitou-se a perseguição e a violência contra judeus, leprosos, bruxas, feiticeiros e muçulmanos. Eles foram acusados de contaminar os cursos d'água e de se apresentarem contra os preceitos cristãos e da igreja. A despeito da evolução científica atual, parece que a história, em alguns aspectos, se repete.

A crise sanitária no Brasil acentuou a ascensão do pensamento neoliberal de extrema direita, caracterizado por uma série de discursos moralistas, fundamentados principalmente em expressões religiosas ultraconservadoras. Isso fortaleceu a emergência de um governo federal com tendências antidemocráticas, cujo lema é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e que faz oposição à mídia e à ciência, anunciadas como inimigas do governo e da nação. Além de negar a gravidade da pandemia e de não incentivar a população a se vacinar, o Presidente da República discursa veemente e reiteradamente contra as medidas sanitárias tomadas pelos órgãos competentes do país. Diferentes meios de comunicação relatam diariamente a posição negacionista dele, como ocorreu no dia 16 de dezembro de 2021, quando o Brasil registrava 617.395 mortes por COVID-19:

Bolsonaro frequentemente ataca as vacinas contra a covid-19. [...] o chefe do Executivo afirma não ter se imunizado contra a doença [...] o presidente criticou a recomendação da quarentena de cinco dias para viajantes não vacinados contra a covid-19 que quiserem entrar no Brasil. Na mesma declaração, ele voltou a defender a hidroxicloroquina para pacientes do coronavírus,

mesmo após estudos apontarem que o remédio não tem eficácia contra a covid-19 (BOLSONARO..., 2021).

Muitos temas religiosos foram extensamente debatidos no contexto sociocultural da pandemia de COVID-19. Alguns grupos e autoridades religiosas que apoiavam o Presidente Bolsonaro política e ideologicamente sustentaram a negação da dramaticidade da pandemia, como o ocorrido com Silas Malafaia:

O pastor da Igreja Assembleia de Deus publicou uma imagem que debocha e distorce os argumentos das autoridades, que pedem para as pessoas não saírem de casa ou evitarem aglomerações. Mas permitem o funcionamento de serviços essenciais para não deixar a população desassistida durante a pandemia. A mensagem dizia: “Este vírus é estranho. A gente pode ir na lotérica, no banco, no posto, no supermercado, na farmácia que não pega. Pega só se for trabalhar”. Depois, o religioso ainda questionou: “O que vocês acham?” (SILAS..., 2020, aspas no original).

Outros grupos atribuíram a disseminação da doença à ira e ao castigo de Deus, em um retorno ao pensamento da Idade Média, como mencionado anteriormente. E ainda houve aqueles que atribuíram a pandemia a supostos interesses comunistas, como o ex-Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que escreveu um artigo intitulado *Chegou o comunavírus*, em que faz a seguinte citação:

O coronavírus nos faz despertar novamente para o pesadelo comunista. Chegou o Comunavírus. É o que mostra Slavoj Žižek, um dos principais teóricos marxistas da atualidade, em seu livreto “Virus”, recém-publicado na Itália. Žižek revela aquilo que os marxistas há trinta anos escondem: o globalismo substitui o socialismo como estágio preparatório ao comunismo. A pandemia do coronavírus representa, para ele, uma imensa oportunidade de construir uma ordem mundial sem nações e sem liberdade (FUNAG, 2021).

Muitos discursos apresentando elemento religioso contraposto ao científico foram largamente aclamados. Um exemplo foi a construção de um manifesto da Coalização pelo Evangelho, assinado por líderes de seminários teológicos, igrejas presbiteriana e batista. Esse manifesto criticava a mídia, comentando que ela “[...] claramente não goza da credibilidade que outrora

desfrutava. Testemunhamos nesses dias, até mesmo, a triste politização e endeusamento da ciência.” (PELA PACIFICAÇÃO..., 2020).

Na contramão do que aconteceu mundialmente em relação às medidas sanitárias durante a pandemia, em 17 de abril de 2022, o Ministro da Saúde Marcelo Queiroga anunciou o fim do estado de emergência sanitária nacional instaurado em fevereiro de 2020, embora a Organização Mundial da Saúde ainda afirmasse que a pandemia não acabou. No mesmo dia, o país registrou 2.243 novos casos confirmados de COVID-19 e 18 mortes decorrentes desta doença (ENTENDA..., 2022).

Diante das contradições internas da vida na sociedade contemporânea, agravadas ou iluminadas pela pandemia, importante mencionar a análise de Bauman (1998) sobre o surgimento de uma nova religião em decorrência do ressentimento alimentado pelos fiéis que constatam que são insuficientes e incapazes de obter tudo que o discurso capitalista de prosperidade propõe. Essa nova religião demonstra um dos males da sociedade: o fundamentalismo. É pautada pela “irreparável fraqueza do indivíduo humano, comparada com a onipotência da espécie” (BAUMAN, 1998, p. 228).

O pensamento fundamentalista parece estar presente em muitos discursos proferidos durante a pandemia, mostrando uma tendência de igualar as expressões socioculturais a partir de um determinado sistema de valores religiosos. Esse pensamento elimina toda a possibilidade de respeito e laicidade e naturaliza o ódio, incitando diferentes tipos de violência. Deve-se promover a separação entre Estado e religião, assim evitando as interferências das correntes religiosas nos assuntos estatais. No discurso do atual Presidente da República, a linguagem religiosa é usada para camuflar sua má gestão durante a pandemia. Haja vista sua solicitação de “um dia de jejum para quem tem fé”, com o intuito de combater o coronavírus (SOARES, 2020).

Durante a pandemia, a espiritualidade tem sido abordada por alguns grupos dando enfoque à vida devocional, à meditação e aos métodos que levam ao equilíbrio interior. Embora não sejam conceitos necessariamente

anticientíficos, esses grupos não têm feito uma análise crítica condizente com a exigência do grave momento. Enfatizam a importância do cuidado com a parte espiritual e o autoconhecimento em período de crise e ignoram os problemas sociopolíticos.

Ainda mais grave é a onda negacionista presente e disseminada das mais variadas formas e interferindo na prevenção e tratamento da COVID-19. Atitudes, comportamentos e movimentos que sempre estiveram presentes ao longo da história.

Sabe-se que qualquer descoberta ou pesquisa pode suscitar dúvidas; entretanto, se for utilizada para atender interesses extra científicos, pode representar um ponto frágil no universo de contestação da ciência. A negação persistente (negacionismo) de fatos históricos e de descobertas científicas unânimes tem sido um mau uso da dúvida na contemporaneidade. O termo “negacionismo”, popularizado pelo historiador francês Rousso (1987, p. 166), surgiu para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus³ durante o regime nazista. A defesa do negacionismo, aberta ou sutil, declarada ou oculta, é um ato de guerra contra a razão que pode chegar a situações extremas, como no nazismo alemão.

Entre tantas categorias, o negacionismo pode ser histórico, científico, religioso. David e Corrêa (2020) recorreram à obra de Oreskes e Conway *Merchant of doubt*, de 2010, sem tradução para o português até o momento, para mostrar alguns mecanismos utilizados pelos negacionistas na atualidade. Entre eles, citam os debates públicos que levantam dúvidas sobre as teses do aquecimento global e da influência humana sobre este fenômeno, a despeito do consenso científico sobre o tema. David e Corrêa (2020, p. 163) apontaram que há alguns “cientistas que tentam ‘obscurecer’ as conclusões das ciências, em

³ Rousso assinalou que “é apenas uma verdade parcial o fato de que o negacionismo seja vinculado ao excepcional caráter do extermínio dos judeus. Ele já aparecia, sob outras formas, na negação da responsabilidade do governo turco pelo massacre dos armênios em 1915 e, nos dias de hoje, se converteu em ‘uma modalidade discursiva, um modo de representação do passado e de percepção do presente’.” (VALIM; AVELAR; BEVERNAGE, 2021, p. 14).

contraste com a extensa comunidade científica de pesquisadores”. Além da negação do aquecimento global, também citam a defesa da indústria do tabaco, que se isentada responsabilidade sobre o hábito de fumar e o surgimento de várias doenças, entre as quais se destacam vários tipos de câncer. Faz parte das grandes indústrias (tabaco, mineradoras e petroleiras) que fomentam o negacionismo levantar dúvidas sobre os trabalhos científicos, aliciar cientistas (que já se sobressaíram em outras áreas de pesquisa) para avaliar as dúvidas, publicizar estas dúvidas geradas em documentos pseudocientíficos financiados pelas próprias indústrias.

Rocha (2021) fez uma pesquisa em textos publicados em espaços virtuais, como blogs e fóruns, voltados ao público católico e que têm como tema a história das Inquisições. Verificou que há uma comunidade bastante complexa de atores no debate público que recorre à história das Inquisições para legitimar narrativas que recorrem ao negacionismo histórico, com variadas formas de falsear o passado e os estudos históricos, em uma tentativa apologética em que se percebe a intenção de fomentar o combate cultural e as disputas políticas e/ou religiosas contemporâneas. Há uma legitimação dos conceitos tradicionais católicos e um combate aos aspectos da modernidade, desde doutrinas liberais a comunistas, de grupos feministas e LGBTQIA+.

Contra-pondo-se à crise negacionista no contexto da pandemia, Bingemer (2020, p. 263) salientou que “A verdadeira espiritualidade cristã busca a verdade. E a verdade passa pela evidência objetiva que é o campo da ciência por excelência”. Em tempos de coronavírus, deve-se dialogar e respeitar o campo autônomo da ciência. Não se deve misturar epistemologias ou utilizar instrumentos e recursos falsamente espirituais para tratar aspectos de âmbito biológico e alimentar políticas negacionistas com propósitos genocidas.

Há, ainda, expressões de espiritualidade presentes em diferentes religiões que relacionam os aspectos sociopolítico e econômicos à crise pandêmica e à necessidade de transformar as relações com o mundo e com o outro de forma solidária e em comunhão com o todo, o Universo. Para Gebara (2020) e Boff

(2021), adeptos dessa abordagem, a pandemia pode ter suscitado a possibilidade de reconexão com a vida espiritual. Como propôs Boff (2021), essa reconexão só pode acontecer se as pessoas agirem a partir de sete defesas contra o coronavírus.

O primeiro aspecto seria a percepção da realidade social e pessoal fundamentada em valores não materiais, como a espiritualidade pautada no paradigma de corresponsabilidade coletiva, o respeito dos valores individuais e o desenvolvimento diário de respeito à natureza. Tornam-se necessárias a sensibilização e a aproximação das necessidades alheias. Deve haver inter-relação de todos com todos e com o Universo, o que se torna um desafio diante dos efeitos da tecnociência, que gera distanciamento e dessensibilização; contudo, ao mesmo tempo, traz muitas informações sobre as devastações. Mas, seremos capazes de superar e avançar solidariamente diante deste paradoxo?

O segundo aspecto citado por Boff (2021) seria o resgate do afeto, a empatia e a compaixão, pois são sentimentos que foram sendo deixados de lado em nome da objetividade da tecnociência. O isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 trouxe um resgate das relações mais próximas. Simultaneamente, a morte de pessoas queridas trouxe a possibilidade do contato com os sentimentos de dor e fragilidade camuflados pela tecnociência. Talvez esses eventos vivenciados de forma tão intensa possam trazer novas reflexões em relação à valorização das relações interpessoais.

O terceiro aspecto seria lembrar do princípio de cuidado e de precaução, assim cuidando da natureza, regenerando-a e impedindo as devastações. O surgimento da COVID-19 e de tantas outras doenças futuras deveria servir de alerta para a responsabilidade que temos sobre o planeta (BOFF, 2021).

O quarto aspecto levantado por Boff (2021) seria a necessidade de respeitar todos os seres, o que nos impulsiona a exercer a tolerância, mergulhados em um sistema econômico de exploração e competição. Sustentar pausas para o encontro consigo mesmo e estabelecer reflexões profundas em relação ao outro necessitado talvez possa nos aproximar do sentimento de respeito mútuo.

O quinto aspecto seria a atitude solidária e de cooperação, enquanto o sexto seria o desenvolvimento de uma responsabilidade coletiva, com consciência acerca das consequências de todos os atos (BOFF, 2021). Isso talvez implique a necessidade de leis de proteção ambiental mais rígidas, juntamente com campanhas de conscientização sobre a preservação da natureza.

Finalmente, o sétimo seria a necessidade de unir todos os esforços que perpassam as esferas privada e pública para a conquista de uma biocivilização centrada na vida e na Terra (BOFF, 2021). Os pilares propostos por Boff (2021) para alcançar a salvação do planeta são de suma importância para uma reflexão profunda sobre a tomada de medidas individuais e coletivas. Deve-se acrescentar a necessidade de atenção à onda negacionista presente na relação entre religião e ciência desde tempos muito remotos, visto que não é fruto da modernidade, mas pode até se agravar na modernidade tardia. Faz-se necessário compreender vários aspectos sobre o negacionismo, já que se trata de um comportamento sociopolítico e cultural que tem retornado de tempos em tempos, apesar de tantos avanços tecnológicos e ampliação do conhecimento.

Considerações finais

A modernidade suscitou uma série de expectativas e ilusões em relação à capacidade de produção de um capital permanente, uma ciência pronta para intervir em qualquer crise sanitária e um Deus provedor e salvador. Entretanto, na modernidade tardia, tudo parece ficar desordenado, havendo uma ansiedade para organizar, obter e manter a ilusão de que, por alguns instantes, tudo se ordenará para novamente se fragmentar. Essa crise, até então encoberta por muito movimento e flexibilidade, se intensificou diante da paralisação, do isolamento, do medo e da morte causados pela pandemia de COVID-19.

Durante a crise pandêmica global, foi revelado que há limites em todas as esferas do planeta e da humanidade. Concomitantemente, há uma crise econômica e social, que gera injustiça social, e a morte, que dizima preferencialmente os mais fracos e pobres.

No contexto da religiosidade/espiritualidade, percebe-se um cenário dual em que há obscurantismo, intolerância e negação da ciência, mas também consciência acerca da responsabilidade social e planetária e da importância do diálogo e do respeito às diferenças. Portanto, a religiosidade/espiritualidade continua sendo um veículo para o restabelecimento tanto da anomia social quanto de sentidos.

É necessário que aconteça a transformação dos aspectos que geram violência, guerra e dor. O olhar para o outro, o reconhecimento e o compartilhamento das experiências de força e superação vividas durante a pandemia podem criar a alquimia para a transmutação dos aspectos humanos distorcidos e limitados, que podem extinguir a vida no e do planeta. Nesse contexto, também se percebe a necessidade de um estudo mais profundo da categoria “negacionismo”, vinculada ao conflito entre a ciência e a religião, um imperativo teórico para evitar qualquer tipo de reducionismo de uma questão que causa tantos transtornos sociopolíticos e culturais.

Referências

ACAYABA Cíntia; REIS, Thiago. Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. *G1*, São Paulo, 19 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoos-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

BATISTA Luís Eduardo, PROENÇA Adriana, SILVA Alexandre da. Covid-19 e a população negra. *Interface*, Botucatu, v. 25, e210470, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RRgJnJCtpsXFZYRhCGyKzJb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2022.

BAUMAN, Zygmunt. Bauman: assim chegamos à Retrotopia. Tradução Inês Castilho. *OUTRASPALAVRAS*, São Paulo, 5 maio 2017. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/bauman-assim-chegamos-a-retrotopia/>. Acesso em: 10 maio 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Tradução Edgar Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BIHR, Alain. França: pela socialização do aparato de saúde. In: DAVIS, Mike; HARVEY, David; BIHR, Alain; ZIBECCHI, Raúl; BADIOU, Alain; ŽIŽEK, Slavoj. *Coronavírus e a luta de classes*. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. p. 25-30. Disponível em: <https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/coronav%c3%adrus-e-a-luta-de-classes.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Mística, espiritualidade e pandemia. *ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura*, São Paulo, v. 28, n.2, p. 257-269, 2020. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/753/636>. Acesso em: 10 maio 2022.

BOFF, Leonardo. *Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a humanidade: advertências da pandemia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BOLSONARO posta vídeo em que homem chama vacina contra covid de 'porcaria'. *UOL*, São Paulo, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/12/16/bolsonaro-video-contra-vacina.htm>. Acesso em: 10 maio 2022.

2022: meio ambiente em modo de emergência. Nairobi: UN Environment Programme, 6 jan. 2022. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/2022-meio-ambiente-em-modo-de-emergencia>. Acesso em: 10 maio 2022.

CARNEIRO-CARVALHO, Andreia; RODRIGUES, Isilda. A peste negra e as crenças religiosas: Conflito Ciência e Religião. *Revista Multidisciplinar.com, Faro*, v.4, n. 2, p. 5-19, 2022. Disponível em: <https://revistamultidisciplinar.com/index.php/oj/article/view/93/113>. Acesso em: 16 maio 2022.

DAVID, Mariano Gazineu; CORRÊA, Mônica Ferreira. As diversas faces da dúvida – ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências. *Em Construção: Arquivos de Epistemologia Histórica e Estudos de Ciência*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 158-172, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/54268/36084>. Acesso em: 16 maio 2022.

ENTENDA o que pode mudar com o fim de emergência relacionada à Covid-19 no Brasil. *G1*, São Paulo, 17 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/04/17/entenda-o-que-pode-mudar-com-o-fim-de-emergencia-relacionada-a-covid-19-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

FUNAG. Fundação Alexandre de Gusmão. "*Chegou o Comunaóvirus*", artigo do Ministro Ernesto Araújo (sic) publicado no livro *Política externa: soberania, democracia e liberdade*. Brasília, DF, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/centrais-de-conteudo/politica-externa-brasileira/chegou-o-comunavirus-artigo-do-ministro-ernesto-araujo-publicado-no-livro-politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade>. Acesso em: 10 maio 2022.

GEBARA, Ivone. Religião e a pandemia Covid-19. *Revista Ihu On-Line*, São Leopoldo, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em: 10 maio 2022.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeuda Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINS-FILHO, Paulo Ricardo; ARAÚJO, Brenda Carla Lima; SPOSATO, Karyna Batista; ARAÚJO, Adriano Antunes de Souza; QUINTANS-JÚNIOR, Lucindo José; SANTOS, Victor Santana. Racial disparities in COVID-19-related deaths in Brazil: Black lives matter? *Journal of Epidemiology*, Tokyo, v. 31, no. 3, p. 239-240, 2021. Disponível em: https://www.jstage.jst.go.jp/article/jea/31/3/31_JE20200589/_pdf/-char/en. Acesso em: 10 maio 2022.

NEUMAM, Camila. Negros têm 1,5 vezes mais chances de morrer por Covid-19 no Brasil, diz OCDE. *CNN*, São Paulo, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/negros-tem-15-mais-chance-de-morrer-por-covid-19-no-brasil-diz-ocde/>. Acesso em: 10 maio 2022.

ÓBITOS por covid-19 crescem 190% no sistema prisional. Brasília, DF: Agência Brasil, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2021-03/obitos-por-covid-19-crescem-190-no-sistema-prisional>. Acesso em: 10 maio 2022.

PELA PACIFICAÇÃO da nação em meio à pandemia. *Coalizão pelo Evangelho*, [s.l.], 4 maio 2020. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/pela-pacificacao-da-nacao-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 10 maio 2022.

PIEPER, Frederico; MIGUEL, Maiara; MENDES, Danilo. Necropolítica e sua lógica sacrificial em tempos de pandemia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 533-553, 2020. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/4077/pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

RETAMAL, Pablo N. Cansaço, depressão, videonarcisismo: os efeitos da pandemia segundo Byung-Chul Han. [Originalmente publicado por La Tercera, 21 mar. 2021.] Tradução Cepat. *Revista Ihu On-Line*, São Leopoldo, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607793-cansaco-depressao-videonarcisismo-os-efeitos-da-pandemia-segundo-byung-chul-han>. Acesso em: 10 maio 2022.

ROCHA, Igor Tadeu Camilo. Apologistas e falsários do século XXI: negacionismo e usos da história da inquisição em sites católicos brasileiros (2004-2019). *Revista História*, São Paulo, n. 180, a06020, 2021. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092021000100320&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2022.

ROUSSO, Henry. *Le syndrome de Vichy: de 1944 à nos jours*. Paris: Seuil, 1987.

SANTIAGO, Tatiana. Negros morreram quase duas vezes mais de Covid-19 do que brancos no Itaim Bibi em 2021, diz pesquisa. *G1*, São Paulo, 13 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/13/populacao-negra-morreu-17-vez-a-mais-de-covid-19-do-que-populacao-branca-no-itaim-bibi-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILAS Malafaia debocha de coronavírus e é massacrado nas redes sociais. *Catraca Livre*, [s.l.], 1º abr. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/silas-malafaia-debocha-de-coronavirus-e-e-massacrado-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 10 maio 2022.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro quer um dia de jejum religioso contra coronavírus. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 2 abr. 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/02/interna_politica,842034/bolsonaro-quer-um-dia-de-jejum-religioso-contra-coronavirus.shtml. Acesso em: 10 maio 2022.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexadre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. Revista Brasileira de História, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021.

Recebido em 17-05-22

Aprovado em 04-10-22